



publico.pt

Milhares de renovações e férias lançam caos para tirar cartão do cidadão

Nas últimas semanas, a confusão tomou conta dos serviços do cartão do cidadão nas cidades de Lisboa e do Porto, onde milhares de pessoas têm perdido muitas horas para tirar ou renovar o documento **Portugal, 8/9**



UCRÂNIA
OFENSIVA DO EXÉRCITO
E CONFRONTOS FAZEM
DEZENAS DE MORTOS
Mundo, 20

Soldados ucranianos num posto de controlo junto à cidade de Slaviansk, onde houve uma ofensiva do Exército



Jardim Gonçalves
condenado a 2 anos
com pena suspensa

Tribunal reduz a 1,2 milhões de euros os 19 milhões pedidos pelo MP a três ex-responsáveis do BCP **p16/17**

Fugas
SWANSEA,
A CIDADE FEIA MAS
ENCANTADORA
DE DYLAN THOMAS
VIAGEM



Troika sai e deixa taxa de emprego ao nível dos anos 80

Em três anos, a economia destruiu 332 mil postos de trabalho. A construção foi o sector mais afectado **p4 a 6**

Nova série diária sobre os três anos da troika

FALTAM 14 DIAS

Estado assume 1200 milhões de dívidas da Carris e STCP

Fardo da dívida soma-se aos 4000 milhões da CP, que também passam para a esfera pública este ano **p2/3**

Notas inflacionadas dão vantagem aos alunos das privadas

Diferença nas classificações que dão acesso ao ensino superior pode chegar a ser superior a um valor **p10**

Pelo menos 350 pessoas morreram no Afeganistão

Chuva torrencial provoca deslizamento de terras. Podem ter morrido 2500 pessoas **p22**

Arquitetura e petróleo: pelas ruas de Riad

Arábia Saudita
Paulo Martins Barata

Antes da primeira crise do petróleo de 1973, vários países árabes encomendaram ambiciosos projectos de arquitectura

O Dubai e os seus excessos marcarão definitivamente o imaginário da arquitectura do Médio Oriente.

É difícil acreditar que, antes desse imenso “parque temático”, tenha havido uma produção arquitectónica criticamente empenhada e consistente. No entanto existiu, e, embora quase inteiramente desconhecida do Ocidente, vão-se agora desvendando obras notáveis, que, por entre guerras, estigmas, repressão e obscurantismo, nunca chegaram até nós. Aliás, uma das grandes expectativas da Bienal de Veneza 2014 estará certamente na exposição *The Repository* no pavilhão dos EUA, um extenso arquivo de projectos de empresas americanas maioritariamente exportados para o Médio Oriente ao longo século XX, da autoria dos curadores Michael Kubo e Eva Franch.

Países como o Iraque, o Irão, a Arábia Saudita ou o próprio Kuwait, antes da primeira crise do petróleo de 1973, tinham dado início a ambiciosos programas de infra-estruturas, e que, ao contrário do que se supõe, não eram projectos exclusivamente desenvolvidos por corporações americanas. Obviamente, há casos sobejamente documentados, como o Parlamento do Kuwait, de Jørn Utzon, ou o aeroporto de Dhahran, de Minoru Yamaski. Mas alguém imagina George Candilis, do Team X, a projectar habitação social para Doha, um estádio em Bagdad de Le Corbusier, ou, em Teerão, o projecto da imensa biblioteca Reza Pahlavi por Alison & Peter Smithson?

Recentemente, passeando nas ruas de Riad, deparei-me acidentalmente com um notável quarteirão urbano da autoria do Pritzker Japonês Kenzo Tange. Conhecida como Fundação Rei Faisal ou Faisaliah – o equivalente saudita à Gulbenkian –, é um conjunto de edifícios do final dos anos 1960 ligados por pontes e terraços imaculadamente pormenorizados em travertino e betão ao espírito “brutalista” do tempo. Aqui, Tange, a trabalhar sem os constrangimentos sísmicos do seu nativo



FOTOS: DR



Em cima, Kenzo Tange fez um conjunto de edifícios do final dos anos 1960 ligados por pontes e terraços imaculadamente pormenorizados em travertino e betão ao espírito “brutalista” do tempo; a pirâmide cônica de Norman Foster à direita na foto; as duas torres propostas por Rem Koolhaas



Japão, pode libertar plenamente todo o ímpeto estrutural e escultórico que é lhe tão característico.

Um desses edifícios desenvolve-se a partir de um longo átrio, gerado por um volume em cascata sugestivamente suspenso. Impressionou-me o investimento no desenho, o cuidado e sensibilidade que o mes-

tre japonês dedicou a este projecto. Imagino que Riad, nessa altura, fosse pouco mais que uma planície desértica, desolada e escaldante. Imagino o fosso cultural entre um arquitecto expoente de uma das sociedades mais sofisticadas do mundo à época e um cliente autocrata representante de uma era

ainda pré-industrial. E no entanto, por mais contraditório e absurdo que este contexto possa parecer, o facto é que permitiu uma obra de excepcional qualidade.

O mesmo já não será válido para a grande torre de Norman Foster que remata o referido quarteirão, projectada três décadas mais tarde. No limite do *kitsch*, trata-se de uma pirâmide cônica e treliçada, revestida a painéis de alumínio e coroada por uma esfera espelhada em vidro dourado. Esta última, ao que consta, resultante de um assertivo pedido do cliente, contém o inevitável restaurante panorâmico.

Sendo Foster um arquitecto igualmente notável, que aconteceu então nestas últimas décadas à condição do arquitecto, para aceitar uma degradação tão grande da sua autoridade? Curiosamente, penso que este vai ser o tema “fundamental” da Bienal de Veneza, a *malaise* que Rem Koolhaas identifica na arquitectura contemporânea está evidentemente centrada neste fenómeno, que não é aliás exclusivo do Médio Oriente. Tal como noutros mercados emergentes, a região é apenas uma lente que o amplia.

Porém, este quarteirão encerra ainda mais uma inquietante surpresa, em 2008 houve um concurso para a ampliação da Fundação em que Foster e Koolhaas se reencontraram. Foster, pragmaticamente, propôs mais do mesmo; ou seja, uma pirâmide cônica com o triplo da altura da anterior. Por sua vez, Koolhaas – o homem que declarou a morte ao arranha-céus –, propôs duas elegantes torres em forma de pirâmide cônica invertida. Ambas as propostas implicavam uma demolição substancial da obra de Tange. A Fundação Faisal, num assomo de lucidez, abortou o concurso.

Lembrei-me então de uma conversa de há 20 anos com o crítico Yehuda Safran, à porta da Avery Library de Columbia, em Nova Iorque, enquanto ainda lhe era permitido fumar umas cigarrilhas infectas que partia ao meio para fazer render. Dizia ele, cínico, em jeito de oráculo: “*You architects think the world of yourselves, but you are nothing but courtesans, mere courtesans of power...*” Talvez não seja exactamente assim. Mas, sem o exercício da autoridade, nem a defesa da integridade, o que ficará para a história desta arquitectura-espectáculo? Créditos de carbono?

Arquitecto

Arranca hoje o 33.º festival Estoril Jazz

Música
Luís Miguel Queirós

Quinteto do saxofonista Eric Alexander inaugura um festival cujo cartaz inclui nomes como Kenny Barron ou Dave Holland

A 33.ª edição do festival Estoril Jazz, abre esta noite, no auditório do Casino do Estoril, com o quinteto do saxofonista americano Eric Alexander, que se fará acompanhar de um conjunto de experientes instrumentistas ingleses: Mark Nightingale (trombone), Arnie Somogyi (contrabaixo), Winston Clifford (bateria), e John Donaldson (piano).

O primeiro fim-de-semana do festival completa-se amanhã à tarde (às 19h) com um dueto que reúne duas lendas do jazz: o pianista americano Kenny Barron, que ainda tocou com Dizzy Gillespie nos anos 60 e manteve depois uma longa colaboração com Stan Getz, e o baixista e compositor britânico Dave Holland, fundador do grupo Circle, que gravou com nomes como Miles Davis, Steve Coleman ou Chick Corea.

O programa prossegue no fim-de-semana seguinte. No sábado (dia 10) à noite, actua o quarteto do saxofonista italiano Francesco Cafiso. Nascido em 1989, Cafiso começou a tocar saxofone alto aos nove anos, fez uma digressão com Wynton Marsalis quando tinha 14, e é hoje uma das revelações do jazz europeu.

No domingo (dia 11), o festival encerra com mais um duo: o trompetista e compositor Dave Douglas, que dirige actualmente o Festival of New Trumpet Music, em Nova Iorque, e o pianista e compositor Uri Caine, que se notabilizou pelas suas reinvenções ecléticas do repertório clássico, das *Variações Goldberg*, de Bach, a obras de Beethoven ou Mahler.

A preceder o primeiro concerto, o festival exhibe hoje à tarde, às 19h, o filme *Improvisation* (2004), de Norman Granz, que inclui actuações ao vivo, filmadas em diferentes épocas, de artistas como Duke Ellington, Ella Fitzgerald, Dizzy Gillespie, Coleman Hawkins ou Charlie Parker. O filme será reposto no sábado seguinte, dia 10, à mesma hora.

Este é o mais antigo festival de jazz do país. Com o nome Cascais Jazz, foi criado por Luís Villas-Boas em 1971, ano em que recebeu nomes como Dexter Gordon, Miles Davis, Dizzy Gillespie ou Thelonious Monk.